OS MILAGRES ATRIBUÍDOS À CLARA DE ASSIS[1]

THE MIRACLES ATTRIBUTED CLARE OF ASSIS

Alessandra dos Santos Ferreira[2]
Teresinha Maria Duarte[3]

Resumo:
O presente artigo é fruto das pesquisas realizadas no projeto de Iniciação Científica: ***Processo de Canonização:*** **O Reconhecimento Oficial da Santidade. Um Estudo do Processo de Canonização de Santa Clara (1255),** e também de pesquisas realizadas na elaboração da monografia: **Uma Imagem Oficial da Santidade Feminina: O Processo de canonização de Santa Clara de Assis.** Os problemas que se colocam para esta pesquisa são: qual a finalidade de um Processo de Canonização? Como foi realizado o Processo de Canonização de Santa Clara? Porque a Igreja canonizou rapidamente essa Santa? Quais os milagres, realizados por Clara de Assis, relatados no seu Processo de Canonização? Um Processo de Canonização era instaurado com a preocupação de averiguar a santidade de uma pessoa, através de suas virtudes e milagres. No imaginário medieval, dos santos e santas esperava-se milagres.
Palavras-chave: Clara de Assis, Processo de Canonização, Milagres, Imaginário.

[1] Este artigo é parte da monográfica de final de curso Uma Imagem Oficial da Santidade Feminina: O Processo de Canonização De Santa Clara. Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2009.

[2] Especialista em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Endereço de e-mail:alessandra152008@yahoo.com.br

[3] Doutora em História pela UnB. Professora Associada no Departamento de História e Ciências Sociais, onde ministra as disciplinas História Medieval e História Moderna. Endereço de e-mail: teresinha_duarte@yahoo.com.br

Abstract:
The present article is a result of the inquiries carried out in the project of Scientific Initiation: Process of been Canonized: The Official Recognition of the Sanctity. A Study of the Process of Saint's Canonized Clara (1255), and also of inquiries carried out in the preparation of the monograph: An Official Image of the Feminine Sanctity: The Process canonical of Saint Clara de Assis. The problems that are put for this inquiry are: which the finality of a Process of being? How there was carried out the Process of been canonized of Clara Saint? Why the Church canonized quickly this Saint? Which the miracles carried out by Clara de Assis, reported in his Process of been canonized? A Process of been canonized was set up by the preoccupation of checking the sanctity of a person, through his virtues and miracles. In the medieval imaginary thing, from the saints and saints miracles were waited.
Key-words: Clara de Assis, Process of being Canonized, Miracles. Imaginary.

Este artigo é fruto das pesquisas realizadas no projeto de Iniciação Científica: ***Processo de Canonização:* O Reconhecimento Oficial da Santidade. Um Estudo do Processo de Canonização de Santa Clara (1255),** e também de pesquisas realizadas na elaboração da monografia: **Uma Imagem Oficial da Santidade Feminina: O Processo de canonização de Santa Clara**[4]. Os problemas que se colocam para esta pesquisa são: qual a finalidade de um Processo de Canonização? Como foi realizado o Processo de Canonização de Santa Clara? Porque a Igreja canonizou rapidamente essa Santa? Quais os milagres, realizados por Clara de Assis, relatados pelas testemunhas no seu Processo de Canonização?

[4] Em trabalho anterior, FERREIRA, Alessandra Dos Santos. *Uma Imagem Oficial da Santidade Feminina*: O Processo de Canonização De Santa Clara. Catalão, Universidade Federal de Goiás, 2009, Trabalho de final de curso. Mimeografado. À fl. 12, defini processo de canonização como "[...] um documento oficial da Igreja que, na época, tinha a principal intenção de comprovar a santidade de alguém. Sendo um documento eclesiástico, o processo traz informações preciosas em relação ao santo e também ao contexto histórico no qual ele viveu se aproximando de um texto jurídico. Mas, entendo que o processo de canonização se aproximava, também, do gênero literário conhecido como hagiografia".

Um Processo de Canonização era instaurado com a preocupação de averiguar a santidade de uma pessoa, através de suas virtudes e milagres. Por milagre entende-se**,** normalmente**,** um fenômeno sem explicação. Para Bartoli, "[...] trata-se de um acontecimento maravilhoso, extraordinário, que não pode ser explicado com o simples raciocínio humano" (1998, p.171). Dessa forma, podemos entender que o conceito de milagre está estritamente ligado ao extraordinário.

De acordo com Le Goff, "[...], se o milagre se realiza através daqueles intermediários que são os santos, é preciso dizer que a situação com que esses vão encontrar-se é tal que o verificar-se do milagre por sua intercessão é previsível" (1983, p.23). Assim, no Processo de Canonização de Santa Clara, encontramos: o milagre do azeite, a multiplicação do pão, as curas das Irmãs pelo sinal da cruz, a cura de um frade que vítima de insânia, a cura de três meninos, a libertação do mosteiro atacado pelos sarracenos e o ataque à cidade de Assis pelo exército imperial comandado por Vital de Aversa. Bartoli ainda considera como milagres outros "eventos extraordinários" na vida de Clara, como sua fuga da casa paterna e a conversa com uma gatinha, dentre outros. No entanto, consideraremos como milagres apenas aqueles fatos nomeados como tais pelas testemunhas do Processo de Canonização.

O Processo de Canonização de Santa Clara foi encomendado pelo papa Inocêncio IV, o qual tinha pressa em reconhecer a santidade da Abadessa de São Damião. Aquele Papa mandou uma carta ao Bispo Bartolomeu de Espoleto – trata-se na verdade de uma bula papal que introduzia o processo de canonização de Clara de Assis. Nela, o Papa lhe ordenava que pesquisasse e averiguasse a veracidade dos acontecimentos que marcaram a vida de Clara, para que o referido processo fosse rapidamente formalizado e ela reconhecida oficialmente como santa:

> Esta foi a esposa que, enquanto viveu, morta para o mundo, agradou tanto a Deus altíssimo pelas virtudes que desejou e praticou, e por suas santas obras que, depois de sua morte feliz, e mesmo antes de sair desta vida mortal, começaram a contar que Deus opera na terra muitos e variados milagres por meio dela e de suas preces, [...] pois Deus todo poderoso, remunerador de todos os bens, na abundância da sua piedade, que ultrapassa os méritos e desejos dos que o suplicam, dignou-se piedosamente conceder grandes bene-

> fícios aos que o pedem, para a exaltação de seu nome glorioso pelos séculos, e pela intercessão dos claros méritos dessa virgem Clara. Por isso, sendo muito digno e oportuno honrar na Igreja militante aquela que a divina clemência quis tornar venerável diante de seus fiéis pelo dom de tais graças e pela dignidade dos milagres que devemos respeitar, ordenamos por carta apostólica à tua Fraternidade que pesquise diligente e solicitamente a verdade sobre sua vida, conversão e comportamento, e também sobre os sobreditos milagres e sobre as circunstâncias deles, de acordo com as perguntas que mandamos anexas a esta Bula. E o que encontrar sobre essas coisas, trate de mandá-lo a nós sob o seu selo, escrito fielmente por público notário, para que a alma daquela que acreditamos já estar alegre no céu, no gozo da estola da imortalidade, seja seguida neste mundo pela multidão dos justos, com dignos louvores (PROCESSO DE CANONIZAÇÃO. In. PEDROSO**,** 1994, p.62-63).

Portanto, para confirmar a santidade de alguém se previa que verificasse os milagres realizados por sua intercessão, pois eram, já de antemão, previsíveis. Entretanto, o papa Inocêncio IV morreu em 1254, e assumiu seu lugar o Cardeal Reinaldo que ficou conhecido como Papa Alexandre IV. Havia divergência de pensamento entre esses dois papas, acerca do processo de canonização de Santa Clara: o primeiro tinha pressa em oficializar o seu processo de canonização, o segundo apresentou certa relutância em canonizar Clara, pois apresentava alguma desconfiança em relação...

> [...] às formas da devoção popular e com relação aos milagres que precisariam ser examinados por pessoas discretas que haveriam de verificar sua autenticidade. Tal desconfiança não era somente expressão de uma atitude de prudência com relação aos abusos que podiam ter sido verificados em muitos outros casos. Era antes de tudo, uma nova postura na questão do exame da santidade que vinha amadurecendo em ambientes da corte pontifícia, precisamente naqueles anos (BARTOLI, 1998, p.205).

Apesar de tal desconfiança e, diante de muitas pressões sociais das pessoas que acreditavam na santidade de Clara, Alexandre IV aprovou, em 1255, seu processo de canonização, provavelmente no dia "15 de agosto, [...]**,** na catedral de Anagni" (PEDROSO, 1994, p.236). Processo este, que foi oficializado com a bula *Clara claris praeclara,* a qual falava da grandeza

de santidade da Santa Madre...

> Clara, preclara por seus claros méritos clareia claramente no céu pela claridade da grande glória, e na terra pelo esplendor dos milagres sublimes. Brilha aqui claramente sua estrita e elevada religião, irradia no alto a grandeza de seu prêmio eterno, e sua virtude resplandece para os mortais com sinais magníficos (PEDROSO, 1994, p.133).

Podemos observar, nesse trecho introdutório da Bula de Canonização de Santa Clara, que o Papa Alexandre IV procura destacar a "grandeza de seu [de Santa Clara] prêmio eterno" bem como a sua **"**virtude", virtude que servia de exemplo para os fiéis, principalmente para as mulheres religiosas. Também procurou enfatizar os "sinais magníficos", para elevar Clara à glória dos altares**,** além de fazer um resumo de sua vida – que provavelmente deve ter sido elaborado de acordo com os testemunhos do Processo de Canonização – de forma rápida e facilmente compreensível.

De acordo com Le Goff, na Idade Média, houve uma tendência de enquadrar os santos numa mesma perspectiva de milagres, como a expulsão de demônios e a "[...] multiplicação de pães" (LE GOFF, 1983, p.23). Entretanto, no caso de Clara, os milagres destacados no seu Processo de Canonização foram todos realizados em vida e enquanto ela vivia no mosteiro de São Damião.

No Processo de Canonização, as quinze primeiras testemunhas, as *sorores*, falam dos milagres de Clara. De acordo com Bartoli, tais milagres podem ser divididos em milagres domésticos, ou seja, os realizados normalmente dentro do mosteiro, e os milagres da cidade, ou que realizados fora do mosteiro. E adverte que...

> [...] é preciso considerar que no processo, ou melhor, na parte do processo que foi conservada até nossos dias, os testemunhos foram quase que exclusivamente das *sorores,* o que nos leva a pensar que outros testemunhos teriam podido aumentar consideravelmente o número dos milagres acontecidos fora do mosteiro (BARTOLI, 1998, p.174).

É preciso lembrar que o processo de canonização de Santa Clara de Assis foi elaborado rapidamente, três meses e meio após a sua morte, com certeza isto deve ter contribuído para que o número de milagres fora do mosteiro fosse pequeno. Foram poucos os

milagres lembrados ou que as Irmãs tinham conhecimento deles. Além disto, as *sorores* não tinham autorização para sair do mosteiro, uma vez que estavam enclausuradas, fato – ao nosso entender – que deve ter contribuído para que não tivessem conhecimento de algum dos milagres *post mortem*, até a data da elaboração do processo. Além do mais, os milagres após a morte de Clara, não são citados por dezenove das testemunhas, no processo; apenas a última testemunha, João de Ventura de Assis, que afirmou ter visto a cura de um homem no sepulcro de Clara, mas não sabia o nome daquele doente. Segundo aquela testemunha

> [...] de sua santidade ninguém deveria duvidar de modo algum, pois o senhor faz por ela muitos milagres. Também disse que naquele ano depois da morte da senhora Santa Clara, viu um estrangeiro furioso, ou então endemoniado, sendo levado amarrado ao sepulcro da santa dona Clara e, naquele lugar foi libertado. Interrogado como sabia disso, respondeu que tinha visto o homem que sofria dessa doença e como foi curado de repente no sepulcro de Santa Clara (ProcC, 20, 8-9) .

Observamos que no processo, os testemunhos assim como os relatos dos milagres, parece seguir a um esquema de respostas que as testemunhas deram àqueles que foram responsáveis para conduzir o processo; entretanto, o referido processo não traz as perguntas que foram feitas às testemunhas.

Observamos que o primeiro milagre descrito no Processo de Canonização de Clara foi o milagre do azeite. De acordo com Irmã Pacífica de Guelfúcio, a vida da Santa Madre foi repleta de milagres e certo dia...

> Tendo faltado azeite no mosteiro, como não tinham mais nada, a bem-aventurada madre chamou um frade da Ordem dos menores que ia pedir esmolas por elas, chamado Frei Bentevenga, e lhe disse que fosse procurar azeite. Ele respondeu que lhe preparasse o vasilhame. Então dona Clara tomou um vaso, lavou-o com suas próprias mãos e o colocou sobre uma mureta que ficava perto da saída da casa para que o frade o pegasse. E tendo esse vaso ficado ali por uma horinha, quando Frei Bentevenga foi procurá-lo, encontrou-o cheio de azeite (ProcC 1,15).

Para Pedroso, o milagre do azeite teria ocorrido antes das *sorores* se submeterem a "[...] a Regra de São Bento e, seis ou sete anos antes da Regra de Hugolino, as Irmãs não tinham [ainda] a defesa de

clausura, [...].” (PEDROSO, 1994, p.70). Ou seja, elas ainda não eram obrigadas a viver fechadas no mosteiro, o que nos leva a crer que qualquer pessoa poderia ter enchido o vaso de azeite, no entanto, Irmã Pacífica de Guelfúcio acrescenta que “Investigaram diligentemente e não descobriram quem o tinha colocado” (ProcC 1, 15). Dessa forma podemos levar em consideração, que a testemunha lembra que Clara lavou o vaso com as “próprias mãos”, ou seja, o milagre aconteceu a partir daquele momento e uma vez que não descobriram quem encheu o vasilhame.

Bartoli afirma que, “[...] as multiplicações de azeite não são milagres desconhecidos na literatura hagiográfica precedente. Em particular na vida de São Bento [...].”(1998, 177). No entanto, no caso de Clara, não se tem uma explicação do ocorrido, como no caso de São Bento que abre mão do azeite que tinha no mosteiro e o deu como esmola, em compensação um vasilhame que ficava na Igreja apareceu cheio de óleo, o que “[...], indica claramente como Gregório [Magno] com este milagre, quisesse sublinhar o desapego de São Bento com relação aos bens terrestres, desapego este que é recompensado da parte do Senhor com a miraculosa multiplicação” (BARTOLI, 1998,177).

Outra multiplicação que foi descrita pelas testemunhas, foi a dos pães, o que podemos observar no testemunho de Irmã Cecília, filha de Messer Gualtieri de Spello, que disse...

> Que um dia as Irmãs só tinham meio pão, pois a outra metade tinha sido mandada aos frades que estavam ali fora. A senhora mandou à testemunha que cortasse cinqüenta fatias e as levasse para as Irmãs, que tinham ido para a mesa. Então a testemunha disse a dona Clara: “Para tirar cinqüenta fatias disso seria necessário aquele milagre do Senhor, dos cinco pães e dois peixes.” Mas a senhora respondeu: *“Vá fazer o que lhe disse”*. E o Senhor multiplicou aquele pão de modo que rendeu cinqüenta fatias boas e grandes, como Santa Clara tinha mandado” (ProcC 6,16).

Percebemos que esse milagre ocorreu em uma época, em que o mosteiro de São Damião já tinha um número alto de *sorores*. De acordo com Bartoli, a multiplicação de alimentos principalmente o pão, é um dos milagres mais recorrentes na hagiografia medieval e, “[...], que lembra a narração evangélica da multiplicação dos pães à margem do lago de Tiberíades” (1998, p.178). E que foi descrita em diferentes passagens bí-

blicas como no evangelho de São Mateus, que fala do agrupamento de pessoas em volta de Jesus Cristo...

> Caía a tarde. Agrupados em volta dele [de Jesus]. Os discípulos disseram-lhe: "Este lugar é deserto e a hora é avançada . Despede esta gente para que vá comprar víveres na aldeia." Jesus porém respondeu: "Não é necessário: dai-lhes vós mesmo o de comer."- "Mas disseram eles, nós não temos aqui mais que cinco pães e dois peixes." "Trazei-mos". Disse-lhes ele. Mandou, então, a multidão assentar-se na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu. Partindo em seguida os pães, deu-os aos seus discípulos, que os distribuíram ao povo. Todos comeram e ficaram fartos (Mt, 14-21).

No caso de Clara, as testemunhas não descrevem como o milagre dos pães foi realizado, apenas disseram que ela ordenou para que o pão fosse cortado em cinqüenta pedaços e assim foi feito. Para Bartoli, a multiplicação de pão, normalmente se dava em momentos em que diferentes sociedades passavam pela escassez de alimentos, o que contribuía para o imaginário das pessoas e aumento da "devoção popular". Já em relação à Clara, o episódio dos pães se trata de uma outra concepção...

> Não se está aqui diante de uma multidão faminta: trata-se simplesmente do pequeno grupo das *sorores* que cada dia se dirige ao refeitório e que não tem o que comer. O episódio fala da precariedade de vida dessas mulheres em São Damião. Para elas, não é um ideal abstrato, mas a dura condição de vida (BARTOLI, 1998, p.178-179).

Dessa forma, observamos que a pobreza estava constantemente presente no mosteiro de São Damião e, que essa forma de vida religiosa foi abraçada literalmente pela Santa Madre e suas Irmãs, que diariamente conviviam com a precariedade dos alimentos, mas se contentavam e agradeciam o que tinham para comer, confiantes que não seriam desamparadas pela Providência Divina.

Em relação às curas das Irmãs, observamos que em alguns casos se deram a partir do sinal da cruz e em outros não. Bartoli (1998, p.189), agrupou as curas realizadas por Clara: Irmã Pacífica (febre – ProcC 1,16); Irmã Benvinda de Perusa (sem voz - ProcC 2,13); Irmã Benvinda de Dona Diambra (chaga ou fistula - ProcC 2,16); Irmã Amata (hidropisia - ProcC 3,11); Irmã Andrea (escrófula na garganta – ProcC 2,23);; Irmã Cristiana (surdez – ProcC 4,10); Irmã

Cecília (tosse – ProcC 4,09); Irmã Balbina de Messer Martinho de Coccorano (dor nos quadris e dor no peito – ProcC 7,12); e Irmã Francisca (dor de cabeça – ProcC 9,07).

De acordo com Irmã Pacífica, Clara fazia o sinal da cruz sobre as Irmãs que tinham alguma enfermidade e, logo elas ficavam curadas. A testemunha descreveu a sua própria enfermidade ...

> Interrogada sobre quanto tempo antes a testemunha tinha ficado doente respondeu: Muito tempo. Interrogada sobre qual era a doença respondeu que era uma enfermidade que a fazia ranger os dentes, ter muito frio e tremer.Interrogada sobre as outras que tinham sido curadas, quanto tempo antes tinham ficado doentes, respondeu que não se lembrava das outras como dela mesma. Interrogada em que tempo as Irmãs foram curadas disse: Antes que a senhora ficasse doente (ProcC 1, 16).

De acordo com Irmã Pacífica, as curas das Irmãs, realizadas por Clara, se deram antes que a doença afetasse a saúde da Santa Madre (Cf. ProcC 1, 16). Seguindo o interrogatório, perguntaram-lhe "[...]desde quanto tempo tinha começado essa longa enfermidade de Santa Clara, respondeu que se pensava que fossem vinte e nove anos" (ProcC 1,17). Se Clara morreu com sessenta anos de idade, isso nos leva a crer que sua doença teria aparecido, quando ela tinha por volta de trinta e um anos. No entanto, nenhum dos testemunhos descreve e fala que tipo de enfermidade teria tido a Santa Madre, apenas informam que ela ficou doente por muito tempo.

Irmã Benvinda de Perusa, também descreve como foi curada pelas mãos da Santa Madre, depois de ter ficado quase dois anos sem falar e que ...

> [...] tendo a testemunha perdido a voz, tanto que mal podia falar baixo, na noite da Assunção da Virgem Maria teve a visão em que a referida dona Clara, fazendo-lhe com sua mão o sinal da cruz, a libertava. E assim foi feito: naquele mesmo dia ficou livre logo que recebeu o sinal da cruz (ProcC 2,13).

Além de comentar como foi sua própria cura, Irmã Benvinda falou também, em seu testemunho, como foi a cura de Irmã Boaventura de Dona Diambra que estava doente há muito tempo; cerca de doze anos sofria com uma fistula debaixo do braço e que, "[...], que a predita senhora lhe fez o sinal da cruz com a ora-

ção do Senhor, isto é, o Pai-nosso, foi libertada dessa chaga" (ProcC 3,10). Nesse depoimento também temos outra informação importantíssima, pois percebemos como a Santa Madre procedia no momento da realização das curas, em outros testemunhos as Irmãs se referem somente ao sinal da cruz, porque muitas das vezes não conseguiam ouvir o que Clara falava, no entanto, esse depoimento traz a informação de que ela rezava o Pai-nosso no momento das curas.

Irmã Amata, que sofria de hidropisia, dor de um lado do corpo, tosse e febre, disse que também foi curada por Clara depois "[...], que pôs a mão sobre ela e pediu a Deus que, se fosse melhor para sua alma, a libertasse daquela doença. E assim foi subidamente libertada" (ProcC 4,8). Nesse testemunho, também observamos que Clara invocava o Senhor para curar as Irmãs que estavam doentes, no entanto, a testemunha não falou se a cura se deu a partir do sinal da cruz ou não.

A cura de Irmã Andrea, que tinha uma inflamação na garganta, foi um pouco diferente, de acordo com Irmã Benvinda, Clara soube da doença de Irmã Andrea por "espírito" e que ela desejava ficar curada...

> Daí, uma noite, estando Irmã Andrea embaixo no dormitório, apertou a garganta de tal modo e tão fortemente com as próprias mãos que perdeu a fala. E foi isso que a Santa Madre soube em espírito. Por isso, chamou imediatamente a testemunha que dormia ali perto, e lhe disse: *"Vá depressa lá embaixo no dormitório, porque Irmã Andrea está gravemente enferma; esquente um ovo e dê para que ela o beba; e quando tiver recuperado a fala, traga-a para mim"*. E assim foi feito (ProcC 3, 16).

Nesse testemunho observamos que a cura de Irmã Andrea é um pouco diferente das demais curas, pois o milagre não se deu a partir do sinal da cruz e sim em espírito, ou seja, Clara sentiu o que estava acontecendo e sabia que a Irmã Andrea foi tentada a querer ficar boa, por isso apertou a garganta de maneira tão forte. Já Irmã Cristiana, que sofria com a surdez de um ouvido também foi curada com o sinal da cruz e depois da Santa Madre tocar sua orelha ela ficou curada, "[...], abriu-se seu ouvido, e ela ouvia muito bem" (ProcC 5,1).

No caso da Irmã Cecília, a cura de sua doença foi através de um pão dado pela Santa Madre e não pelo sinal da cruz,

> Irmã Cecília tinha uma tosse grave que a atacava quando começava a comer, de modo que parecia que ia afogar-se. Numa sexta-feira, a santa madre deu-lhe um pedaço de fogaça para comer. Ela pegou com muito temor mas, apesar disso, comeu porque era uma ordem da santa madre, e depois não sentiu mais a doença (ProcC5,11).

De acordo com Irmã Balbina de Messer Martinho de Cocorano, ela foi curada duas vezes pela Santa Madre. Uma vez que sentia uma forte dor no quadril e que "[...], a madre se inclinou bem em cima da parte afetada, cobrindo-a com um pano que tinha na cabeça. A doença desapareceu imediatamente, por completo" (ProcC 7,12). Outra vez, "[..], a testemunha foi libertada por Santa Clara de uma febre persistente e de um abscesso que tinha no lado direito do peito" (ProcC 7,13). No entanto, também não sabemos como o segundo milagre aconteceu.

E, por fim, o último milagre da cura de Irmãs, descrito no Processo de Canonização de Clara, está a cura de Irmã Francisca, que sofria de uma dor na cabeça que a atormentava e fazia cerca de seis anos, era "[...],uma doença muito grave que lhe pegava na cabeça e fazia gritar muito e perder a memória, fez o voto à santa madre, que estava nos últimos dias de vida, e ficou curada na hora" (ProcC 9,7). Podemos notar que esse milagre também não se realizou pelo sinal da cruz e nem pelo toque das mãos de Clara, mas sim pelo voto à Santa Madre. Também podemos observar que a testemunha disse que fez o voto quando Clara estava prestes a morrer o que pressupõe que deveria ter sido um dos últimos milagres atribuídos a ela enquanto estava viva.

Além das curas das Irmãs, algumas testemunhas como Irmã Benvinda de Perusa, falaram da cura de um frade da Ordem dos Frades Menores, chamado Frei Estevão que sofria de insânia (doença mental) e que também foi curado por Clara com o sinal da cruz...

> São Francisco o mandou ao mosteiro de São Damião, para que a santa fizesse sobre ele o sinal da cruz. Quando o fez o frade dormiu um pouco no lugar onde a santa madre costumava rezar; depois quando acordou, comeu um pouco e foi embora curado (ProcC 2,15).

Observamos que a única cura em que o doente dormiu no lugar em que a Santa Madre, costumava

rezar, foi a de Frei Estevão**.** De acordo com Teresinha Duarte (2004, p. 295)., na Idade Média**, "**São vários os relatos de curas que acontecem dentro das igrejas, enquanto aquele que é beneficiado dorme, ali, junto ao santo de sua devoção".

Bartoli (1998, p. 189) considera o milagre do azeite, a multiplicação do pão e as curas das Irmãs, como milagres domésticos, ou seja, que ocorreram dentro dos cercados do mosteiro de São Damião e que também, de certa maneira, beneficiaram as sorores. Já a cura de três meninos, a libertação do mosteiro invadido pelos sarracenos e a invasão da cidade de Assis pelo exército de Vital de Anversa, são considerados milagres da cidade, que ocorreram fora do mosteiro de São Damião.

No Processo de Canonização de Clara, identificamos a cura de três meninos: um com uma mancha no olho, outro com uma pedra na narina e mais outro com muita febre. De acordo com Irmã Amata, o primeiro foi levado a Clara e foi curado pelo sinal da cruz...

> Disse que um menino de Perusa tinha uma mancha que cobria todo o olho. Por isso, foi levado a Santa Clara, que tocou o olho do menino e lhe fez o sinal da cruz. Depois disse: *"Levem-no a minha mãe Irmã Hortolana* (que estava no mosteiro) *para que ela também faça sobre ele o sinal da cruz"* (ProcC 4,11).

Nenhumas das duas assumiram a cura do menino, uma responsabilizava a outra pela graça concedida ao garoto. Também, houve a cura de outro garoto, as testemunhas não falaram o seu nome no processo, apenas disseram ser filho de messer João do mestre João de Assis. Irmã Felipa, informa que messer João, era "procurador". De acordo com Pedroso, esse cargo era uma espécie de "leigo de confiança" (1994, p. 82), que cuidava das coisas que envolvesse as Irmãs, publicamente, fora dos limites do mosteiro, uma vez que não podiam sair.

Segundo Irmã Felipa, o menino foi "[...], levado à predita madre Clara e, quando recebeu dela o sinal da cruz, ficou livre" (ProcC 3,15). Irmã Francisca acrescenta que o messer João, contou o ocorrido no parlatório e, que algum tempo depois o menino, que tinha por volta de "cinco anos". (ProcC 9,6). Outro menino que foi curado, de acordo com Irmã Benvinda de Perusa, morava na cidade de Espoleto e se chamava Mateuzinho, tinha...

> Três ou quatro anos de idade, meteu uma pedrinha pe-

> quenina em uma das narinas, da forma que não dava para tirá-la de modo algum; e o menino parecia estar em perigo. Levado a Santa Clara, ela fez sobre ela o sinal da cruz e a pedra lhe caiu na mesma hora do nariz, e o menino ficou curado (ProcC 2,18).

Bartoli associa essas três curas, ao amor que Clara tinha pelo menino Jesus que, aliás, foi visto, através de visões, ao lado da Santa Madre por algumas das testemunhas, como podemos observar no testemunho de Irmã Francisca...

> [...] também disse que uma vez, no dia da festa de primeiro de maio, a testemunha viu no colo de dona Clara, diante do seu peito, um bebê belíssimo, tanto que não daria para expressar sua beleza. Só de vê-lo, sentia uma indizível doçura. Ela não duvidava de que fosse o filho de Deus (ProcC 9,4).

As curas dos meninos acabaram marcando a espiritualidade do mosteiro de São Damião, pois Clara se volta não apenas para o sofrimento de Cristo, mas também para a sua vida de homem que curou os doentes, que viveu e consolou os pobres...

> A devoção pela infância de Jesus, parte integramente do culto para com Cristo-homem, se difundiu ao longo do século XIII, sobretudo nos ambientes da nova espiritualidade feminina e constitui precioso paralelo entre a experiência de Clara e de suas companheiras (BARTOLI, 1998, p.182-183).

No século XIII, surgiu um novo clima de espiritualidade com a decadência do imaginário das cruzadas. Para estar perto de Cristo não precisava mais se deslocar para Terra Santa, pois de acordo com Bartoli (1998:184): "Da devoção aos lugares onde havia sido colocado o corpo do Salvador, passou-se à devoção ao corpo consagrado da Eucarística". Nos testemunhos dos milagres, não há nenhum relato de alguma provável viagem de Clara, portanto ela não saiu da cidade, muito menos do mosteiro.

O mosteiro de São Damião ficava fora da cidade de Assis, por isso estava mais sujeito a ataques, como aquele dos sarracenos, que aconteceu em 1241.Sem nenhuma defesa, o mosteiro foi invadido, Clara diante de tal situação se colocou a orar, de acordo com Irmã Benvinda: "Tendo alguns sarracenos subido ao muro e saltado na parte de dentro do claustro de São Damião, a referida santa madre dona Clara, que estava então gravemente enferma, levantou-se da cama e mandou

chamar as Irmãs, confortando-as para que não tivessem medo" (ProcC 2,20). Irmã Francisca acrescenta que...

> [...] a senhora pediu que a carregassem até a porta do refeitório e pusessem diante dela uma caixinha onde estava o santo sacramento do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Prostou-se por terra em oração e orou com lágrimas, dizendo estas palavras entre outras: *"Senhor guardai Vós estas vossas servas, porque eu não as posso guardar"*. Então a testemunha ouviu uma voz de maravilhosa suavidade que dizia: "Eu te defenderei para sempre!" Então a senhora orou também pela cidade, dizendo: "*Senhor que vos apraza defender também esta vossa cidade"*. A mesma voz soou: A cidade sofrerá muitos perigos, mas será defendida. Então a senhora voltou para as Irmãs e lhes disse: "*Não fiquem com medo, porque eu sou a sua garantia de que não vão passar nenhum mal, nem agora nem no futuro, enquanto se puserem a obedecer os mandamentos de Deus"* (ProcC 9,2).

Aquela invasão representava um risco à integridade física daquelas Irmãs. Poderiam ser violentadas, estupradas – situações que colocaria em risco a sua virgindade. Poderiam ainda serem aprisionadas, escravizadas ou até mortas. Tais horrores aconteciam sempre, em situações de guerra.

Nesse testemunho podemos observar como a oração de Clara se torna uma arma poderosa contra os sarracenos, que foram embora do mosteiro sem entrar em contato direto com as *sorores*. Para Bartoli, a figura de Clara representa a luta dos cristãos nas cruzadas, que lutaram contra o anticristo; consequentemente, "Clara assumiu formalmente o papel de *defensor civitas* que nos séculos precedentes tinha sido realizado, sobretudo pelos bispos" (BARTOLI,1998, p. 187). Clara representa uma nova característica do século XIII, pois entrou em cena uma força extraordinária ligada a uma mulher e não ao homem, pois defendeu sozinha o mosteiro.

Também observamos que Clara foi avisada dos problemas que a cidade de Assis enfrentaria, A mesma testemunha contam que alguém (No Processo de Canonização de Santa Clara não podemos encontrar quem levou a informação até o mosteiro), foi avisar a "Dona Clara que a cidade de Assis iria ser tomada" (ProcC 9,03), o que aconteceu por volta de 1240, quando as tropas de Frederico II – que tentavam dominar toda a península itálica – comandadas por Vital de Aversa, invadiram a cidade. Clara, mais uma vez,

mostrou o poder da sua oração e defendeu a cidade, quando ficou sabendo que a mesma iria ser tomada...

> A senhora chamou as suas Irmãs e lhes disse: "Recebemos muitos bens desta cidade, por isso devemos pedir a Deus que a guarde." E mandou que viesse encontrá-la bem cedinho. Como tinha sido mandado, as Irmãs foram encontrá-la logo que amanheceu. Quando chegaram, a senhora mandou buscar cinza, tirou todos os panos da cabeça, e disse que todas fizessem o mesmo. Depois colocou bastante cinza, porque tinha cortado o cabelo recentemente. Em seguida, colocou-a na cabeça de todas as Irmãs, feito isso mandou que todas fossem rezar na capela. E o fizeram de tal modo que, na manhã seguinte, o exército foi embora, derrotado e desconjuntado (ProcC 9,3).

O gesto simbólico de espalhar cinza sobre a cabeça representava um sinal de penitência e desespero do socorro humano e total confiança em Deus. Esse milagre de Clara acabou se tornando o mais conhecido, tanto que, de acordo com Pedroso (1994, p.84),, "Esse fato aconteceu em 1241 [...]. A cidade de Assis comemora essa libertação até hoje, no dia 22 de junho, com a "festa del voto".

Observamos dessa maneira que os milagres, atribuídos à Santa Clara e destacados em seu Processo de Canonização, são comentados pela maioria das *sorores*, e que se deram a partir de curas de doentes, multiplicação de alimentos e defesas da cidade e do mosteiro.

No imaginário medieval, dos santos e santas esperava-se milagres. O milagre era uma espécie de ordálio, como se fosse um juízo divino, no qual Deus se colocaria ao lado de quem lhe fora fiel, prodigalizando feitos sobrenaturais, pela sua presença e intercessão. Assim, um cristão só passava a ser conhecido e reconhecido como santo/a se realizasse milagres. Daí, a importância dos mesmos no reconhecimento de sua santidade, ainda mais depois que foram instituídos os processos de canonização.

REFERÊNCIAS:

BARTOLI, Marco. *Clara de Assis.* Petrópolis. Vozes. 1998.

PROCESSO de canonização. In. PEDROSO, Frei José Carlos Corrêa. *Fontes Clarianas.* 3.ed. Piracicaba. Centro Franciscano de Espiritualidade. 1994. p.

60-142.

BÍBLIA, Sagrada. Edição Claretiana. Trad. Frei João José Pereira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 1998.

DUARTE, Teresinha Maria. Clara de Assis, a presença feminina no movimento franciscano. In. RIBEIRO, Mª Euridice de B. (org.). *O Saber na Idade Média*. Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília: UNB, 2001, vol, n. 1/2. p. 53-81.

DUARTE, Teresinha Maria. *Arautos da Paz e Bem: Os Franciscanos em Portugal* (1214- 1336). 2004. Tese (doutorado em História).Instituto de Ciências Humanas, Universidade Brasília, 2004.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa. Estampa. 1994. pp11-12.

LE GOFF, Jacques. "O maravilhoso no Ocidente Medieval". In. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval.* Trad. Antonio Ribeiro.Lisboa. Edições 70.1983.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011